

A IGREJA QUE VIVE DA EUCARISTIA

**(Em preparação ao Congresso Eucarístico Nacional.
Comentário à encíclica “Ecclesia De Eucharistia”)**

Dom Benedito Beni dos Santos

RESUMO

A Igreja não só recebeu a Eucaristia como o dom do amor de Jesus chegado ao extremo, mas ela também se alimenta da Eucaristia. Sua vida é iluminada pela Eucaristia. Ainda mais: ela nasceu da Eucaristia. Assim como Israel tornou-se o povo de Deus através da antiga aliança do Sinai, Jesus, ao celebrar uma nova aliança na instituição da Eucaristia, deu origem a um Novo Povo. É, na celebração da Eucaristia, conforme ensina São Paulo, que a Igreja se torna, em plenitude, o Corpo de Cristo, pois, para São Paulo, comer e beber são atos de comunhão (Cf. 1Cor 10).

Palavras-Chave: Igreja, Eucaristia, Comunhão.

ABSTRACT

The Church not only received the Eucharist as a gift of utmost love from Jesus, but it also feeds itself from the Eucharist. Its life is illuminated by the Eucharist. Even more: it was born from the Eucharist. As Israel became the people of God through the old covenant of the Sinai, Jesus, in celebrating a new covenant in the institution of the Eucharist, gave origin to a New People. It is in the celebration of the Eucharist, according to the teachings of Saint Paul, that the Church became, in fullness, the Body of Christ, as for Saint Paul, to eat and to drink are acts of communion (cg 1Cor10).

Key Words: Church , Eucharist, Communion.

INTRODUÇÃO

A Igreja não só recebeu a Eucaristia como o dom do amor de Jesus chegado ao extremo, mas ela também se alimenta da Eucaristia. Sua vida é iluminada pela Eucaristia. Ainda mais: ela nasceu da Eucaristia. Assim como Israel tornou-se o povo de Deus através da antiga aliança do Sinai, Jesus, ao celebrar uma nova aliança na instituição da Eucaristia, deu origem a um Novo Povo. É, na celebração da Eucaristia, conforme ensina São Paulo, que a Igreja se torna, em plenitude, o Corpo de Cristo, pois, para São Paulo, comer e beber são atos de comunhão (Cf. 1Cor 10).

A eclesialidade de uma comunidade tem diversos níveis. Fundamentalmente, a Igreja é a comunidade daqueles que crêem em Jesus (“*communitas fidelium*”). Mas a eclesialidade só se torna plena quando, na comunidade, é celebrada a Eucaristia nas condições exigidas pela Igreja.

O contexto da publicação da encíclica é significativo. Desde o seu início de seu pontificado, em 1979, João Paulo II dirigiu, por ocasião da Quinta-Feira Santa, uma carta pessoal aos sacerdotes de toda a Igreja. São cartas belíssimas e sempre oportunas. Basta lembrar a carta do ano 2000, assinada no cenáculo de Jerusalém, para mostrar que ali se encontra a origem do sacerdócio ministerial. Para mostrar que o sacerdócio ministerial está ligado a tudo aquilo que se passou no cenáculo de Jerusalém na, primeira quinta-feira santa, a da instituição da Eucaristia.

A encíclica foi assinada como carta dirigida aos sacerdotes por ocasião da quinta-feira santa de 2003. Ano em que a Igreja celebrou os 25 anos de seu pontificado. O Papa é o sucessor de Pedro, o principal apóstolo de Jesus. E a encíclica, assinada para comemorar o jubileu de seu pontificado, recorda um dos principais temas desta carta: a apostolicidade da Eucaristia.

É preciso recordar ainda que ela tem diversos aspectos: doutrinal, espiritual, e jurídico. Nela encontramos ainda diversos temas: historicidade da Eucaristia, a Eucaristia como mistério da fé, sua relação com a Igreja, sua apostolicidade, sua dimensão ética. Ainda: dimensão cosmológica e escatológica da Eucaristia, Eucaristia e evangelização, Eucaristia e encarnação, Eucaristia e Espírito Santo, Eucaristia e sacramento da penitência, o culto eucarístico e, até mesmo, Maria mulher eucarística. A reflexão, que vamos fazer, se concentra em 4 temas, que julgo fundamentais.

1. A EUCARISTIA: REVELAÇÃO DO SENTIDO DA CRUZ.

A encíclica *Ecclesia de eucharistia* cita os textos do Novo Testamento que narram a instituição da Eucaristia. Fiquemos apenas com o testemunho de Paulo, registrado na primeira carta aos coríntios. Este texto foi redigido por volta do ano 55. Nele, Paulo recorda uma catequese anterior sobre a ceia do Senhor, feita durante a sua estada em Corinto, ali pelos anos 50-52, quando Galeão era proconsul da Acaia (Cf. At 18, 12).

O Apóstolo afirma que está transmitindo uma tradição anterior, portanto, mais antiga: “Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo que é para vós; fazei isto em memória de mim.” Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim.” (1Cor 11, 23-25).

Do ponto de vista teológico, é a instituição da Eucaristia que ilumina o evento do calvário e lhe dá sentido. Sem a instituição da Eucaristia, o evento do calvário, em si mesmo, não passaria de um desfecho trágico da vida pública de Jesus. Sua morte foi a morte de um condenado. Para os judeus, uma “maldição” (Gl 3, 13). Só com a narração da Paixão, sem a instituição da Eucaristia, não poderíamos confessar: “Cristo morreu por nós” (Rm. 5, 8); “entregou-se a si mesmo pelos nossos pecados” (Gl. 1, 4); “amou-nos e entregou se a si mesmo por nós” (Ef. 5,2).

Na última ceia, Jesus, antecipadamente, tornou presente a sua morte na cruz e revelou o seu sentido profundo. Mostrou aquilo que iria realizar com sua morte na cruz. Em primeiro lugar, um gesto de doação de amor: “Este é o meu corpo, entregue por vós.” Em segundo lugar, uma aliança: “Este é o cálice da nova aliança no meu sangue, derramado por vós” (Lc. 22, 19-20).

Estas palavras mostram que aquilo que ele estava realizando na ceia era só uma antecipação do calvário.

A Eucaristia tem também uma dimensão eclesial e comunitária. No calvário, Jesus morre sozinho, abandonado pelos discípulos e rejeitado pela multidão. Na última ceia, ao contrário, Jesus se encontra rodeado dos discípulos, tomando uma refeição. Nesta refeição, o cordeiro pascal é substituído pelo seu corpo oferecido em comunhão. É a forma de comunhão mais perfeita entre Jesus e seus discípulos. Na Eucaristia, realizam-se suas palavras:

“Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim e eu nele” (Jo. 6, 56). Na Eucaristia, realizam-se também as palavras de São Paulo: “O pão que nós partimos, não é, porventura, comunhão com o corpo de Cristo? Porque há um só pão, nós, apesar de sermos muitos, formamos um só corpo: de fato, todos participamos do único pão” (1Cor. 10, 10-17).

2. MISTÉRIO DA FÉ.

Logo após eucaristização do pão e do vinho, o sacerdote exclama: “Eis o mistério da fé!” Na realidade, para a Igreja só existe um único mistério: a Santíssima Trindade. Ela é a revelação plena e definitiva de Deus. Todos os outros mistérios do cristianismo, inclusive a Eucaristia, são uma decorrência do mistério da Trindade.

O mistério expressa, antes de tudo, a natureza íntima de Deus: algo que embora revelado, permanece sempre oculto à inteligência humana. Deus é o Mistério. Por isso mesmo, só Deus conhece a Deus. “Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai. E ninguém conhece ao Pai a não ser o Filho e a quem o Filho quiser revelar” (Mt. 11). Não podemos falar de Deus como se fala de alguma coisa. Atitude fundamental para se falar do Mistério é, antes de tudo, a admiração, a adoração e o louvor.

Na Eucaristia está presente o mistério: o Corpo do Senhor. A encíclica faz referência a esta dimensão da Eucaristia. Ela fala do “enlevo” que a contemplação do mistério eucarístico suscita em nós. Fala do enlevo que invade a assembléia eclesial quando se reúne para a celebração eucarística. Enlevo sobretudo do sacerdote que preside à celebração da Eucaristia (Cf. n.5)

Esta atitude de grande respeito para com o mistério eucarístico levou a igreja antiga a adotar a *disciplina do Arcano*. Consistia numa atmosfera de silêncio que envolvia os mistérios da fé, sobretudo o batismo e a Eucaristia. Proibia que dele se falasse aos estranhos e catecúmenos. A seu respeito escreve Santo Agostinho: “Com efeito, as boas obras que nós realizamos podem ser vistas também pelos pagãos, mas os sacramentos devem ser-lhes escondidos” (*Em ps 103, deum 14; NBA, XXVII, 644, Città Nuova*).

Mistério tem também um sentido específico. Corresponde ao vocábulo latino “sacramentum”: sinal visível da graça invisível.

Recordemos alguns componentes do mistério eucarístico.

Trata-se de um sacrifício em sentido próprio: dom do amor de Cristo ao Pai, mas dom em nosso favor: em outras palavras, auto-doação do Filho ao Pai em nosso favor. A Eucaristia é um memorial. Não é apenas lembrança de um fato passado sobre o qual podemos cultivar reflexões religiosas subjetivas. “Não é só sua evocação, mas presença sacramental” (n. 11).

A Eucaristia torna presente não só o mistério da Paixão e morte do Senhor, mas também o mistério da sua ressurreição, que coroa o seu sacrifício.

A Eucaristia tem também uma dimensão escatológica. Ela é a garantia da nossa ressurreição corporal: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6, 54). A vida eterna já começa na terra para atingir sua plenitude após a morte. Quando o ser humano repete as palavras do salmo: “Vós, Senhor, sois o meu Deus, anseio por vós” (Sl. 62, 1) já se inicia a vida eterna. Ela não é algo que só começa após a existência temporal. É um nível superior de existência. É uma existência em relação com Deus: “Quem ouve a minha palavra e acredita naquele que me enviou, tem a vida eterna... passou da morte para a vida” (Jo 5, 24). Esta é a escatologia da Eucaristia.

A eficácia do sacrifício eucarístico se realiza plenamente na comunhão. Quem se alimenta do pão eucarístico entra em contato pessoal com o sacrifício único de Cristo: o Corpo que ele entregou por nós na cruz; o sangue “derramado por muitos para remissão dos pecados” (Mt 26, 28).

3. A APOSTOLICIDADE DA EUCARISTIA.

Este tema, tratado e sublinhado pela Encíclica, é original. Trata-se de uma perspectiva que quase não se encontra nos tratados sobre a Igreja e sobre a Eucaristia. De outro lado, é uma perspectiva ligada à própria natureza da Igreja e do sacramento da Eucaristia.

Confessamos, no Símbolo Apostólico, que a Igreja é apostólica. Ela surgiu da atividade evangelizadora de Cristo e dos apóstolos. Ela vive da confissão da fé apostólica, registrada no Novo Testamento e transmitida pela Tradição. Os Apóstolos constituem o núcleo inicial e fundamental da Igreja. Afirma o livro dos Atos que, após pentecostes, todos os que eram batizados aderiam aos Apóstolos e assim o povo messiânico ia crescendo. Ora, como a Igreja, a Eucaristia é componente da fé apostólica. Como a

Igreja, a Eucaristia é apostólica por sua origem.

Na Encíclica, a apostolicidade da Igreja é considerada sobre três aspectos:

a) O sacramento da Eucaristia é apostólico porque foi confiado por Jesus aos apóstolos. Eles receberam, no cenáculo, a Eucaristia como dom de Cristo e, após a páscoa, obedeceram à sua ordem de celebrá-la em sua memória. Dom e reposta obediente explicam a celebração da Eucaristia no decorrer dos séculos.

b) A Eucaristia é apostólica porque é celebrada de acordo com a fé dos apóstolos (Cf. EE n. 27).

São Paulo faz eco a essa verdade quando escreve: “Eu recebi do Senhor o que também vos transmiti...” (1Cor 11, 23). São Justino também escreve: “...foi-nos ensinado que aquele alimento “eucarístico”... é carne e sangue de Jesus encarnado. Com efeito, os Apóstolos, nas memórias por eles deixadas e que se chamam evangelhos, escrevem que assim foi lhes ensinado” (*Apologia* I, 66, 2-3)

c) A Eucaristia é também apostólica porque é o bispo, sucessor dos apóstolos, e o presbítero, seu cooperador necessário, que presidem à sua celebração. Em virtude do sacramento da Ordem, eles agem “In persona Christi”. Não se trata apenas de fazer as vezes de Cristo. Trata-se de uma “específica e sacramental identificação com o Sumo e Eterno Sacerdote” (EE, n. 29). O sujeito da liturgia eucarística é o próprio Cristo. O ministro ordenado é aquele que dá sua voz a Cristo. A encíclica recorda que a comunidade não é capaz de dotar, por si mesma, um ministro ordenado (Cf. EE n. 29). O sacerdote Ihe é enviado como dom de Cristo através da sucessão episcopal, que remonta aos apóstolos. A necessidade do ministro é também um componente da gratuidade da Eucaristia: dom e mistério.

Da natureza apostólica do sacramento da Eucaristia, a Encíclica tira conclusões de ordem prática: “Os fiéis católicos, embora respeitando as convicções religiosas desses seus irmãos separados, deve abster-se de participar da comunhão distribuída nas suas celebrações” (EE n. 30). Essa norma tem, por finalidade, evitar ambigüidade sobre a natureza da Eucaristia.

Não é possível também substituir a missa dominical por celebrações ecumênicas da Palavra e outros atos ecumênicos (EE n. 30). Seria trocar

um dom precioso por coisas recomendáveis em outro contexto e de valor muito menor que a Eucaristia.

A Eucaristia, centro e vértice da vida da Igreja, deve ser também centro e vértice da vida do sacerdote que preside à sua celebração (EE n. 31). O Papa recomenda ao sacerdote a celebração diária da Eucaristia. Conseqüentemente, a Eucaristia deve ocupar o centro da vida pastoral.

4. EUCARISTIA E COMUNHÃO ECLESIAL.

Ao celebrar a Eucaristia, a Igreja encontra-se a si mesma e cresce na sua identidade. Aprofunda o seu próprio mistério. Edifica a comunhão dos crentes, formando, em plenitude, um único Corpo. A Eucaristia é o sacramento da vida eclesial. Por isso mesmo, a comunhão eclesial não é uma agregação voluntarista de fiéis. Não nasce debaixo. É dom e graça que vem do alto.

A comunhão eclesial é, antes de tudo, *comunhão da graça*. Supõe a vida da graça. É a sua dimensão invisível. Supõe também a fé, a esperança e a caridade, que são virtudes teológicas, dom de Deus. Assim, quando celebra a Eucaristia, a Igreja se revela como *comunhão dos santos*.

Além da dimensão invisível, a Eucaristia possui também uma dimensão visível: “a comunhão na doutrina dos Apóstolos, nos sacramentos e na ordem hierárquica” (n. 35). A comunhão eclesial da assembléia eucarística é também comunhão com o bispo e com o papa. O bispo é o princípio visível e o fundamento da unidade na Igreja particular. E o sucessor de Pedro é o fundamento visível da unidade, tanto dos bispos como dos fiéis. Por isso, toda celebração eucarística se realiza em comunhão com o papa, com a ordem episcopal, com o clero e com todo o povo.

A comunhão eclesial, que tem como o centro a Eucaristia, tem também uma dimensão ecumênica. Faz com que a Igreja se abra ao futuro. Estimula a plena comunhão com os irmãos separados. A aspiração à unidade plena é, ao mesmo tempo, aspiração por partilhar, um dia, o pão eucarístico. Enquanto a unidade não for plena, não é possível, partilhar a mesma Eucaristia (cf.n. 38).

Finalmente, a comunhão tem uma dimensão universal. Unida a Cristo, a Igreja, que celebra a Eucaristia, é sacramento universal de salvação. Afirma

a encíclica: “Unindo-se a Cristo, o povo da nova aliança não se fecha em si mesmo; ao contrário, torna-se “sacramento” para a humanidade” (n. 22).

5. DIMENSÃO ÉTICA DA EUCARISTIA.

Fonte da moral cristã não são apenas a lei natural, a revelação divina e o magistério da Igreja. Fonte da moral cristã são também os sacramentos, sobretudo, a Eucaristia. Ela não é apenas fonte inspiradora da reta conduta do cristão. É sua condição. Não basta descobrir o dever moral. É necessário a força para realizá-lo. Esta força, que vem em socorro de nossa fraqueza, é a graça. Daí a importância da Eucaristia, anunciada por Jesus como pão para a vida do mundo.

São Paulo chama a atenção para a dimensão ética da Eucaristia. Segundo o Apóstolo, a participação na Ceia do Senhor não pode acontecer num contexto de divisão e de indiferença para com os pobres. Não é possível participar da Ceia do Senhor e da idolatria.

A dimensão ética da Eucaristia é decorrência também do seu caráter escatológico. A Eucaristia coloca, quem dela verdadeiramente participa, em estado de tensão escatológica. O mundo futuro que ela anuncia, representado pela ceia definitiva no Reino de Deus, está em contradição com o mundo marcado pela injustiça, violência e opressão. Portanto, como observa a encíclica, a dimensão escatológica não distrai os fiéis de suas tarefas terrestres. Antes, ela “dá um impulso ao nosso caminho histórico, lançando uma semente de profunda esperança na dedicação diária de cada um aos seus próprios compromissos” (n. 20). O compromisso de transformar a vida a ponto de torná-la eucarística.

Podemos apresentar ainda alguns traços da moral eucarística: serviço fraterno, compromisso com o mundo presente, com a pessoa, com a vida, com a comunhão.

Quanto ao compromisso de serviço fraterno, o texto da encíclica observa que o quarto evangelho, em vez de narrar a instituição da Eucaristia, na última ceia, narra a instituição do lava-pés. Mas este é narrado com uma conotação eucarística: como a Eucaristia, o lava-pés foi também instituído na última ceia. À semelhança da Eucaristia, ele expressa o amor de doação de Jesus. Como a Eucaristia, ele deve tornar-se uma espécie de

memorial na Igreja. A narração do lava-pés apresenta Jesus como “mestre de comunhão e serviço”.

Quanto à moral ainda, a Eucaristia educa para comunhão. Ela exige determinados laços de comunhão para que alguém dela possa participar. Educa para comunhão por causa dos compromissos que implica com relação à unidade e à fraternidade. Educa para a comunhão porque impõe o dever de respeitar e promover a vida desde que ela surge no seio materno até o seu termo natural. Respeito e promoção da vida que nasce plena e respeito e promoção da vida que nasce frágil e imperfeita.

6. EUCARISTIA E MISSÃO.

A Eucaristia é o supremo bem da Igreja, pois contém a presença do próprio autor dos bens salvíficos, comunicados pelos outros sacramentos. Mas a Eucaristia é também a fonte da missão da Igreja, uma vez que a missão tem origem no encontro com o Cristo vivo. Quem se encontra verdadeiramente com Cristo, faz uma descoberta tão importante que não consegue guardar só para si. Sente necessidade de comunicá-la aos outros.

A Eucaristia alimenta a missão. Desligada da Eucaristia, a missão perde a sua identidade. Transforma-se facilmente em proselitismo, em propaganda, em mercado religioso.

Por fim, a Eucaristia constitui o próprio objetivo da missão: levar todas as pessoas à experiência pessoal do encontro com o Cristo vivo. A Eucaristia deve, pois, ser o núcleo de todo o projeto missionário.

Dom Benedito Beni dos Santos